



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
ARTES VISUAIS

DANIELA GOMES MOREIRA

ALDEBARAN:
Entre O Mito e a Gravura

CACHOEIRA - BAHIA

2015

DANIELA GOMES MOREIRA

**ALDEBARAN:
ENTRE O MITO E A GRAVURA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito básico para a conclusão do curso de Bacharelado em Artes Visuais.

Orientador: Antonio Carlos de Almeida Portela.

CACHOEIRA - BAHIA

2015

DANIELA GOMES

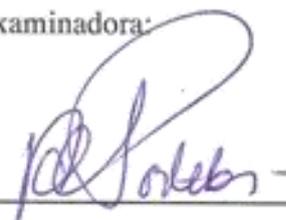
ALDEBARAN: ENTRE O MITO E A GRAVURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Bacharelado em Artes Visuais, Centro de Artes Humanidades e Letras, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais, Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Aprovada em 19 de maio de 2015.

Banca examinadora:

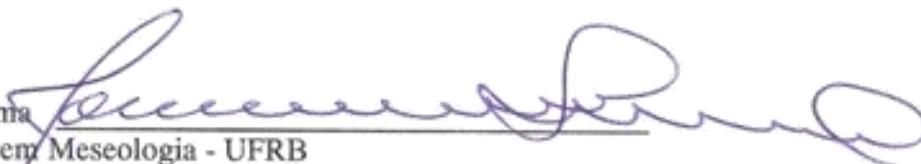
Antonio Carlos Portela – Orientador
Mestre Artes Visuais - UFBA
Universidade Federal do Recôncavo Bahia



Marcos Olegário Matos
Mestre Artes Visuais - UFBA
Universidade Federal do Recôncavo Bahia



Jomar Lima
Bacharel em Meseologia - UFRB
Fundação Hansen Bahia



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL
BIBLIOTECA DIGITAL DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSOS - BDTCC**

1 Identificação do tipo de documento

[] Monografia [x] Trabalho de Conclusão de Curso [] Outros []

2 Identificação do autor e do documento

Nome completo:

DANIELA GOMES MOREIRA

CPI: 008 017 895-37

Telefone: (75) 9114-0918 e-mail: ayandra_gomes@hotmail.com

Curso de Graduação: Bacharelado em Artes Visuais

2.1 Título do documento:

Aldebaran: Entre o mito e a gravura

Data da defesa: 19 de maio de 2015

3 Autorização para publicação na Biblioteca Digital da UFRB

Autorizo com base no disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o documento supracitado, de minha autoria, na Biblioteca Digital da UFRB para fins de leitura e/ou impressão pela Internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Texto completo [x] Texto parcial []

Em caso de autorização parcial, especifique a (s) parte(s) do texto que deverão ser disponibilizadas:

3. Local Data Assinatura do (a) autor (a) ou seu representante legal

Caracara, 19 de maio de 2015 Daniela Gomes Moreira

4 Restrições de acesso ao documento

Documento confidencial? [x] Não

[] Sim Justifique: _____

4.1 Informe a data a partir da qual poderá ser disponibilizado na Biblioteca Digital da UFRB:

____/____/____ [x] Sem previsão

Assinatura do Orientador: [Assinatura] (Opcional)

O documento está sujeito ao registro de patente? Não [] Sim [x]

O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim [x] Não []

A primeira via deste formulário deve ser encaminhada para a Biblioteca da Unidade, juntamente com o arquivo em Formato PDF, contendo o documento; a segunda via deve permanecer na Coordenadoria do Curso de Graduação para o registro do certificado de conclusão do Curso. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia Sistema de Bibliotecas da UFRB Grupo Técnico da Biblioteca Digital da UFRB.

DEDICATORIA

A Deus, que nos criou e foi criativo nesta tarefa. Seu fôlego de vida em mim me foi sustento e deu coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A esta Universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram meu crescimento enquanto discente, ser humano e artista.

Ao meu orientador Antonio Carlos Portela, pelo suporte no tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

A Fundação Hansen Bahia pelo apoio.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e arrimo incondicional.

E a todos que direta e indiretamente fizeram parte da minha formação, e especialmente a Alaine, Geisiana, Jéssica, Leila, Rosilei e Suanne, meu muito obrigado, e saibam que meu mundo é melhor porque vocês fazem parte dele.

RESUMO

O presente trabalho trata da construção e execução de um produto técnico artístico, desenvolvido para o Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Artes Visuais, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Trata-se de uma série de linoleogravuras feitas a partir das obras de Hansen Bahia, primando pelos seus trabalhos ligados à mitologia e ressignificando algumas imagens xilogravadas por ele, trazendo-as para o universo do mito de Taurus. Esse produto é fruto de estudos e pesquisas sobre a temática, bem como da observação de obras do acervo produzidas pelo artista, e busca contribuir para a aproximação do espectador com o universo mitológico e da gravura.

Palavras-chaves: Linoleogravura, mitologia, Aldebaran e Hansen Bahia.

ABSTRACT

The present study deals with the construction and execution of an artistic technical product developed for the conclusion work of the Bachelor's course in Visual Arts of the Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. This is a series of linocuts made from Hansen Bahia's work, excelling for his works related to mythology and giving a new meaning to some woodcut images made by him, bringing them to the Taurus myth of the universe. This product is the result of studies and research on the theme, as well as the observation of the artist's works produced by the artist and seeks to contribute to approach the spectators with the mythological universe and engraving.

Keywords: Linocuts, mythology, Aldebaran, Hansen Bahia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 <i>O vaqueiro e o boi</i> .1959. Hansen Bahia. Xilogravura, 53,5 X 90 cm.....	12
Figura 2 <i>Touro bravo</i> .1959. Hansen Bahia. Xilogravura, 43,5 X 21,5.....	12
Figura 3 <i>Amigas</i> . 1970. Hansen Bahia, Xilogravura, 87,5 X 57 cm	12
Figura 4 <i>Puxada de rede</i> . 1970. Hansen Bahia. Xilogravura, 63 X 87 cm	12
Figura 5 <i>Carro de boi</i> . 1960. Hansen Bahia. Xilogravura, 18 X 82,5 cm	12
Figura 6 <i>Sem título</i> . 1960. Hansen Bahia. Xilogravuras, 14,5 X 20,03 cm.....	12
Figura 7 <i>Higiene</i> . 1968. Hansen Bahia. Xilogravuras, 40 X25 cm	13
Figura 8 Estudo em digigravura para a composição I.....	23
Figura 9 Estudo em digigravura para a composição II.....	23
Figura 10 Estudo em digigravura para a composição III.....	24
Figura 11 Estudo em digigravura para a composição IV.....	24
Figura 12 Estudo em digigravura para a composição V	24
Figura 13 Estudo em digigravura para a composição VI	24
Figura 14 Estudo em digigravura para a composição VII.....	24
Figura 15 Estudo em digigravura para a composição VIII.....	24
Figura 16 Estudo em digigravura para a composição IX.....	25
Figura 17 Estudo em digigravura para a composição X	25
Figura 18 Estudo em digigravura para a composição XI.....	25
Figura 19 Estudo em digigravura para a composição XII	25
Figura 20 “O passeio”. 2015. Daniela Gomes. Linoleogravura, 42 X 29,7 cm	26
Figura 21 Detalhe de <i>Puxada de rede</i> I 1970. Hansen Bahia. Xilogravura, 63 X 87 cm	26
Figura 22 “O encontro”. 2015. Daniela Gomes. Linoleogravura, 42 X 29,7 cm	27
Figura 23 Detalhe de <i>Puxada de rede</i> II. 1970. Hansen Bahia. Xilogravura, 63 X 87 cm	27
Figura 24 <i>Carro de boi</i> . 1960. Hansen Bahia. Xilogravura, 18 X 82,5 cm.....	27
Figura 25 <i>Touro bravo</i> . 1959. Hansen Bahia. Xilogravura, 43,5 X 21,5	27
Figura 26 “A travessia”. 2015. Daniela Gomes. Linoleogravura, 42 X 29,7 cm	28
Figura 27 Detalhe de <i>Puxada de rede</i> III. 1970. Hansen Bahia. Xilogravura, 63 X 87 cm	28
Figura 28 <i>Touro bravo</i> . 1959. Hansen Bahia. Xilogravura, 43,5 X 21,5.....	28

Figura 29 “Revelações”. 2015. Daniela Gomes. Linoleogravura, 42 X 29,7 cm29
Figura 30 Detalhe de <i>Higiene</i> . 1968. Hansen Bahia. Xilogravuras, 40 X 25 cm29
Figura 31 Detalhe de <i>Amigas I</i> . 1970. Hansen Bahia, Xilogravura, 87,5 X 57 cm	..29
Figura 32 “Os presentes”. 2015. Daniela Gomes. Linoleogravura, 42 X 29,7 cm30
Figura 33 <i>Sem título</i> . 1960. Hansen Bahia. Xilogravuras, 14,5 X 20,03 cm30
Figura 34 Detalhe <i>O vaqueiro e o boi</i> . 1959. Hansen Bahia. Xilogravura, 53,5 X 90 cm30
Figura 35 Detalhe de <i>Puxada de rede IV</i> .1970. Hansen Bahia. Xilogravura, 63 X 87 cm30
Figura 36 “Saudade”. 2015. Daniela Gomes. Linoleogravura, 42 X 29,7 cm31
Figura 37 Detalhe de <i>Amigas I</i> . 1970. Hansen Bahia, Xilogravura, 87,5 X 57 cm31
Figura 38 Série Aldebaran. 2015. Daniela Gomes. Linoleogravura31

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. ESTADO DA ARTE DA PESQUISA.....	15
3. PROCESSO DE TRABALHO: ENTRE O MITO E A GRAVURA.....	20
4. CONCLUSÃO.....	33
REFERÊNCIAS	35

1. INTRODUÇÃO

Nasci na cidade de Feira de Santana, portal do sertão, local que tem sua história marcada pela figura do vaqueiro e do gado, enaltecendo-os por meio da sua produção artística e da sua cultura. O ingresso no curso de Artes Visuais contribuiu para a formação de um olhar mais crítico sobre essas tradições e possibilitou um contato mais profundo com a ambiência artística.

Durante o curso conheci, experimentei e produzi, por meio de diversas técnicas, mas sempre tem aquela que desperta algo a mais. A gravura teve esse poder sobre mim, talvez por influência indireta da minha família, que sempre foi muito ligada a trabalhos manuais, ou por conta do meu contínuo interesse em saber como as coisas funcionam, como elas são feitas e de aprender como fazê-las. Gosto de trabalhar com as mãos, vê-las transformando, moldando, alterando, juntando, colando, modificando, ressignificando algo.

Diante da possibilidade de executar um produto técnico artístico como trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Artes Visuais, me envolvi ainda mais com a técnica da gravura, no afã de produzir, e assim nasceu Aldebaran, que tem como um dos seus objetivos contribuir para a aproximação da geração atual com o universo mitológico e da gravura, tendo como ponto de partida a ressignificação de obras de Hansen Bahia e a releitura do mito de Taurus.

Para entendermos melhor o produto em questão, temos que começar falando de duas preocupações perenes do homem: comunicar-se e explicar o que o cerca. Pode-se, assim, notar na linha de tempo da humanidade, diversas tentativas de compreender o mundo e de transmitir essa compreensão para as outras gerações por meio de desenhos, impressões e pela oralidade.

Dentre essas maneiras de transmissão de informação, destaco a impressão como um processo que vem sendo usada desde a antiguidade, e que ao longo dos séculos foi agregando técnicas e materiais diversos, sem abandonar o papel de veículo da expressão humana.

Fazendo uma leitura histórica da arte, podemos perceber que a impressão é um dos procedimentos principais das construções artísticas. "As impressões podem ser também a "aurora das imagens"", assim afirma Georges Didi-Huberman (DIDI-HUBERMAN, 1997, p.4). Essas impressões vão além dos sentidos mais utilizados,

que são os de: gravar, riscar, traçar, estampar, cunhar, transferir, elas perpassam pela inspiração. Segundo John Locke (1960), citado por Teruya (2010, p. 12), “Todas as ideias emergem destas, das fontes sensitivas e reflexivas, no entanto, essa última permanece como a impressão dos sentidos ou da experiência”.

Paralelamente ao uso dessas técnicas de impressão, o ser humano vem também se expressando por meio dos mitos, uma vez que o mito é “[...] originado pelo desejo do homem de explicar fenômenos naturais que ele não pode compreender e que não poucos surgiram do desejo semelhante de explicar a origem de nomes de lugares e pessoas” (BULFINCH, 2002, p. 350).

Para este trabalho, foram utilizadas a gravura e a mitologia, sendo a lenda escolhida para esse produto é a da constelação de Taurus, que tem como estrela principal Aldebaran, um astro de primeira magnitude, conhecido na Grécia como “tocha” ou “facho”. Seu nome é de origem árabe e tem por significado “aquela que segue” ou “olho de touro”. O mito em questão conta a história da paixão de Zeus por Europa e dos artifícios utilizados por ele para conseguir seduzi-la.

Ao pesquisar artistas e obras relacionadas a mitos, selecionei dentre estes o gravador Hansen Bahia, pois a mitologia é um tema que fez parte do seu universo criativo, e está presente em várias de suas obras, configurando ambiências míticas que podem ser observadas, por exemplo, nas séries *Criação do sol e Etiópia*, onde “[...] animais protagonizam papéis relevantes no sistema de crenças e hibridismo de figuras míticas ocidentais [...], assim como a concepção de paisagens evocativas de fantasia e sentimentos” (PORTELA; MIDDLEJ, 2014, p.35). Ao analisar-se essas gravuras, percebeu-se em determinadas obras de Hansen Bahia características condizentes com o produto proposto, atentando-se, principalmente, pela forma como ele representa as suas percepções acerca do local onde ele estava inserido, revelando um lugar não idealizado, mas vivido, real, com texturas e traços únicos, saturados de sentimentos e de pertencimento.

O produto teve como delimitação, o estudo das gravuras de Hansen relacionadas à mitologia, tendo como finalidade um produto artístico oriundo de gravuras em matriz de linóleo, a partir do mito de Aldebaran, arrolando-o às seguintes gravuras de Hansen Bahia: *O vaqueiro e o boi* (fig. 1), *Touro bravo* (fig. 2), *Amigas* (fig. 3), *Puxada de rede* (fig. 4), *Carro de boi* (fig. 5), *Sem título* (fig. 6) e *Higiene* (fig. 7).

Figura 1 – *O Vaqueiro e o boi*. 1959.
Hansen Bahia. Xilogravura, 53,5 X 90 cm.



Fonte: <http://sites.uefs.br/portal/sites/cuca/>

Figura 2 – *Touro Bravo*. 1959.
Hansen Bahia. Xilogravura, 43,5 X 21,5 cm.



Fonte: www.hansen-bahia.privat.t-online.de.

Figura 3 – *Amigas*. 1970.
Hansen Bahia. Xilogravura, 87,5 X 57 cm.



Fonte: www.catalogodasartes.com.br

Figura 4 – *Puxada de rede*. 1970
Hansen Bahia. Xilogravura, 63 X 87 cm.



Fonte: www.catalogodasartes.com.br

Figura 5 – *Carro de boi*. 1960.
Hansen Bahia. Xilogravura, 18 X 82,5 cm.



Fonte: <http://www.artnet.de/>

Figura 6 – *Sem título*. 1960.
Hansen Bahia. Xilogravura, 14,5 X 20,3 cm.



Fonte: <http://www.grafikliebhaber.de>

Figura 7 – Higiene. 1968.
Hansen Bahia. Xilogravura, 40 X 25 cm.



Fonte: www.catalogodasartes.com.br

Sendo a gravura e o mito formas de expressões que acompanham o homem a milênios, é relevante ressaltar que os seus caminhos se encontram e se cruzam, muitas vezes de forma mesclada e simbiótica, evidenciando o dinamismo da comunicação entre eles no decorrer dos séculos.

O produto buscou evidenciar essas relações enquanto linguagem, interpretação e representação de mundo. Foi uma tentativa de podermos vislumbrar a importância que a compreensão das impressões humanas exercem sobre a formação cultural e ideológica.

Por isso, esse trabalho me motivou em termos acadêmicos e artísticos, uma vez que valoriza e difunde a linguagem da gravura no âmbito da universidade e divulga o trabalho de Hansen Bahia.

Como o objetivo desta investigação foi criar gravuras sobre o mito de Taurus por meio da apropriação de obras de Hansen Bahia, fez-se necessário estudar as técnicas e procedimentos da gravura do artista para adaptá-las à técnica de linoleografia, identificando suas obras relacionadas à mitologia, uma vez que se busca a compreensão da importância do mito para as impressões humanas.

O memorial foi dividido em dois capítulos: o primeiro tem por título o Estado da Arte da Pesquisa, e aborda a gravura, o mito, a obra e a vida de Hansen Bahia e o símbolo do touro, fundamentando-se em autores que dissertam sobre esses assuntos. O segundo, Processo de Trabalho: Entre o Mito e a Gravura, discorre sobre o processo criativo, materiais usados, descrição do produto desenvolvido e

metodologia de trabalho utilizado pela artista, juntamente com um breve relato de suas vivências.

2. ESTADO DA ARTE DA PESQUISA

As impressões permeiam a história do homem, sendo parte e reflexo dela, apresentando-se de forma marcante no universo artístico, contribuindo para a composição, criação, recriação, significação e ressignificação de seus objetos:

Porque cada impressão vai liberar uma espécie paradoxal de eficiência e de magia: magia que seria aquela singular da tomada do corporal e universalizante como a reprodução serial; a que produz semelhanças extremas que não são mimésis mas duplicação, ou ainda a de produzir semelhanças como negativos, contra-formas, dessemelhanças (DIDID-HUBERMAN, 1997, p. 2).

Observando-se as produções gráficas feitas no decorrer dos séculos podemos perceber que a vida humana em seus contextos, foi expressa de acordo com cada época vivida, ou seja, “Gravar é dar vida às linhas do tempo. Das tramas delicadas do desenho sobre uma superfície bordaram-se com linhas incisivas, ao longo da história, algumas das mais sutis e notáveis obras de arte” (TERRA, 2011, p.10).

Gravura é uma arte que também resulta de um processo de impressão. Possui diferentes tipos de gravação e de matrizes e vem sendo usada pela humanidade desde tempos imemoriais. Segundo Mauro Andriole (2003,) “A gravura é um meio de expressão que sempre ocupou lugar de destaque na produção da maioria dos artistas, pois possui características sem equivalência em outras modalidades artísticas”.

Foi muito usada na confecção de livros, composições pictóricas e panfletos, graças à sua capacidade de reprodutibilidade, sem, contudo, perder o seu valor de unicidade. Foi utilizada também por grandes nomes da arte, como Dürer, Goya, Picasso, Rembrandt e Munch. Embora, ainda hoje, haja discussões sobre o quesito originalidade, por conta da sua capacidade de reprodução, a gravura mantém a sua aura enquanto obra de arte. Acredito que parte disso se deve ao processo de elaboração, à interação do artista com o produto, suas fases, como a escolha dos

materiais, o polir, o riscar, o cavar, o entintar, o prensar e o secar. Essa relação do artista com a obra torna cada cópia única, portanto, um original. O processo artesanal acaba por configurar uma performance do fazer.

Outra referência teórica que compõe o projeto é a mitologia, que são histórias e aventuras que explicam de forma poética e profunda o mundo. Os mitos eram passados de geração em geração, assumindo um caráter atemporal e eterno. Todos os povos da terra, seja em localização no espaço ou no tempo, tiveram suas histórias compostas por ritos e mitos, uma vez que:

A mitologia tem muito a ver com os estágios da vida, as cerimônias de iniciação, quando você passa da infância para as responsabilidades do adulto, da condição de solteiro para a de casado. Todos esses rituais são ritos mitológicos. Todos têm a ver com o novo papel que você passa a desempenhar, com o processo de atirar fora o que é velho para voltar com o novo, assumindo uma função responsável. (CAMPBELL, 1990, p.25).

Para esse produto foi escolhido o mito de Taurus, que possui versões que se diferem em alguns aspectos, como número de personagens, quantidade de presentes ofertados e caracterização do touro. Destaco duas narrativas, a primeira de João Paulo Sampaio (2014), na qual, Europa, filha de Agenor, rei de Tiro, despertou a paixão de Zeus, que se transformou em um belo touro branco e aproximou-se da jovem que brincava na praia de Tiro, em companhia de suas aias. A princesa encantou-se pelo touro e, como ele parecia ser tão manso, aproximou-se para acariciá-lo. O touro inclinou-se, oferecendo seu dorso à bela donzela, e ela, não resistindo, montou e saiu cavalcando pela praia, seguindo em direção à água, levando-a para Creta, onde o casal consumou sua paixão.

Dessa união nasceram dois filhos, Minos e Radamanto, que vieram a ser juízes dos mortos e o nome da jovem princesa foi dado ao continente europeu. Como recordação do amor entre Europa e Zeus, o Touro brilha até hoje no céu como uma constelação. Tal constelação foi denominada na literatura grega “O Busto”, pois é formada apenas pela cabeça, ombros e membros anteriores, já que a parte posterior estava submersa nas ondas do mar.

A segunda versão desse mito é a narrada por Maria Zélia Alvarenga (2007), em que Zeus amou Europa, filha de Agenor e Teléfassa. Para conquistá-la, esperou o momento quando a donzela brincava na praia com suas aias e amigas.

Manifestou-se como touro e aproximou-se sedutoramente da virgem. Por parecer um animal dócil, Europa decidiu cavalgar o animal. Suas companheiras estavam tão distraídas que não perceberam o que estava acontecendo, quando questionadas, não souberam informar sobre o paradeiro da jovem. Zeus a levou até a ilha de Creta, onde viveram um grande amor, por mais de trezentos anos. Quando chegaram à ilha, o casal encontrou um extenso acolchoado feito de folhas de plátanos. Zeus, agradecido por tão delicada recepção, abençoou os plátanos, concedendo-lhes o privilégio de terem suas folhas mantidas, inclusive no inverno. Desse casamento nasceram Minos, Radamanto e Sarpédon.

Quando Zeus precisou deixar Europa para retomar seus assuntos no Olimpo, deu um aro de ouro para ela usar no pescoço como símbolo de fidelidade; deu-lhe uma lança de alvo certo, um cachorro de bronze para protegê-la de qualquer ameaça mais próxima, e um gigante mecânico, de nome Talos, guardador de toda a ilha, impedindo a entrada de qualquer inimigo. Ao partir, deixou como companheiro de Europa, para cuidar dela, e ajudá-la em seus afazeres, e proteger seus filhos, um personagem de nome Astérion.

O mito de Taurus foi escolhido por ter como um dos seus personagens o Touro, um tema abordado por Hansen em algumas de suas obras. Segundo Maria Zélia Alvarenga:

O Touro traduz a força, a temperança, o trabalho, como também uma criatura de caráter sacrificial. Todas as vezes que Zeus se manifesta como touro, coagula em si ancestralidades míticas e místicas de promessa do salvador redentor, à imagem semelhança do touro Mitra. (ALVARENGA, 2010, p. 57-58).

Segundo Carl Gustav Jung (1987, p. 93), os símbolos se dividem em dois grupos: naturais, derivados do inconsciente da psique, e os culturais, que são empregados para expressar “verdades eternas” utilizadas por muitas religiões. Podemos observar que a imagem do touro mostra-se presente na simbologia cultural de muitos povos no decorrer dos séculos. O touro é símbolo de força, ferocidade, fecundidade, instinto animal. Em algumas culturas o batismo era feito com seu sangue, animal sacrificial, extremamente ligado à morte e à ressurreição:

Muitos povos relacionavam o touro à trovoada, à chuva e à água, devido a sua a sua força e fecundidade. Do ponto de vista psicanalítico, o touro corresponde às forças animais e à

sexualidade do homem; nesse sentido as touradas representam ainda hoje a tentativa sempre renovada de exprimir a vitória interior sobre tais forças mediante essas apresentações. (LEXIKON, 2013, p.193).

Podemos notar a presença do touro em diversas civilizações, muitas vezes, ocupando um lugar importante dentro do contexto da religião local. Textos antigos, escritos em sânscrito, que datam de 1440 a.C., discorrem sobre Mitra, que era o deus da criação, da ordem universal e da amizade, formando uma trindade com Ormuzd e Ahriman. Ele travou uma luta simbólica contra o touro sagrado (ou touro equinocial), derrotando-o e sacrificando-o em prol da humanidade. Todavia, os textos antigos apontam o touro como sendo o próprio Mitra, dando à sua vitória um duplo significado: vitória sobre o mundo terreno e o auto-sacrifício.

No Egito, o touro de Ápis era o mais célebre dos animais sagrados, considerado como a expressão mais completa da divindade sob a forma animal, nunca era representado sob a forma humana com cabeça animal. Encarnava ao mesmo tempo os deuses Osíris e Ptah, em Mephis, existia desde a primeira dinastia e era venerado em Heliópolis e Hermópolis, simbolizando a força vital da natureza e a sua força geradora.

Na tradição judaica, vemos na visão de Ezequiel, quatro seres viventes com quatro rostos cada: homem, leão, boi, águia; animais que ocupam lugar de honra em seus respectivos domínios.

Na mitologia grega o touro aparece como uma das hierofanias de Zeus, como símbolo da cultura minóica. É também figura presente no sétimo trabalho de Hércules representando o instinto animal que não deveria ser morto, mas dominado. Fazia parte dos rituais de fecundidade cretense, principal protagonista das caçadas e festivais, um elemento sacrificial sagrado. Ao observarmos a história dessa região podemos notar que

Nenhum arqueólogo ou historiador especializado no estudo da área cultural do Mediterrâneo (tal qual ele se configura na aurora da Antiguidade) deixaria de reconhecer que entre os monumentos mais típicos, mais característicos da Koiné referida, acham-se três itens de notável recorrência: as estátuas do tipo Magna Mater (imagens da “Grande Mãe” esteatopigia), o bucrânio (cabeça de touro) e a bipene (acha sacrificial, machado lítico de dois gumes) (TRINDADE-SERRA, 1993, p. 178).

Ao relacionar mitologia com a gravura, perpassamos pelo arrabalde criativo de Hansen, artista alemão, naturalizado brasileiro, que se estabeleceu na Bahia, e em Salvador fez amizade com Jorge Amado, José Pedreira, Carybé, Carlos Eduardo da Rocha, entre outros artistas da época. Gravador experiente que teve influência da literatura de cordel e interessou-se por personagens aventureiros, vilões e outros “mártires sociais”.

Encontrando a sua força de expressão plástica na xilogravura, tinha como paixão trabalhar com a madeira. Segundo seu amigo Mario Cravo Filho, citado por Regina Bochicchio (2012, p 43), Hansen costumava dizer: “Hansen gosta trabalhar, Hansen gosta madeira”. É perceptível em suas obras o seu traçado forte carregado de suas impressões sobre a vida, a exemplo de: *Cidade após bombardeio*, de 1940, que mostra um retrato de sua cidade natal no período pós-guerra.

É sabido que ele viveu os horrores da guerra enquanto soldado e teve a genialidade de transformar toda essa carga vivida em arte. Ao chegar ao Brasil não fez diferente, sendo que dessa vez não foi a guerra que ele presenciou, mas a miséria e a necessidade vivida por boa parte da sociedade, e foi assim, convivendo com cafetões, prostitutas e seus filhos, a baiana do acarajé e toda a massa que compõe a periferia que produziu trabalhos como *Flor de São Miguel*, sendo este, um livro que retrata o Pelourinho, o Maciel, a Ladeira da Misericórdia e a vivência nesses lugares, feito em xilogravura e impresso em offset em 23 de setembro de 1956 com tiragem de 500 exemplares.

Em sua passagem pela Etiópia, quando fundou o Curso de Artes Gráficas e Xilogravuras, a convite do imperador Heilé Salassiè na Escola de Gravuras e Artes Gráficas em Addis Abeba, produziu a série intitulada *Etiópia*, na qual se pode observar a presença do animalismo, africano mesclado a figuras mitológicas ocidentais, características que também são observadas em outras obras como na série *Criação do Sol*. Algumas de suas obras também apresentavam uma relação com o universo literário, compondo a sua significação:

A obra de Hansen precisa ser vista sob olhares que contemplem o estudo de fontes literárias, a fim de ganhar o merecido significado. Ilustrou temas míticos, religiosos e literários: a Ópera dos Três Tostões (da autoria de Bertold Brecht); François Villon (poeta francês do século XV); Ulisses (personagem de Homero); Noé, Dois Mil Anos de Amor; Os Nibelungen (personagens mitológicos de sagas nórdicas); As Rainhas de Sabá (tema de interesse para a família real

etíope que reivindicou descender de uma rainha de Sabá e do Rei Salomão); o Drama do Calvário, as 14 Estações da Via Crucis e os Quatro Cavaleiros do Apocalipse, dramas da cultura judaico-cristã, mas também a Flor de São Miguel (retrato da vida mundana) (PÊPE, 2014).

Segundo a reorganização do acervo acondicionado em mapotecas realizado entre 05 de julho de 2007 e 25 de março de 2008, a Fundação Hansen Bahia possui aproximadamente 8.000 obras do referido artista. Até o momento não há um levantamento que aborde exclusivamente suas obras ligadas à mitologia, mas podemos notar a presença do mito em suas produções, tais como: *Odysseus*, *Nibelungas*, *A criação do sol*, *Etiópia*, *Rapto das Sabinas* e *Batalha de Amazonas*.

Para fundamentar o processo criativo utilizei o conceito operacional de ressignificação e apropriação, que foram importantes para o desenvolvimento do produto, pois tornam-se procedimentos teórico-práticos ao utilizar as obras de Hansen Bahia como referências da minha proposta poética. Entende-se como ressignificar, no campo das artes, segundo Edward Lucie-Smith, o “Termo usado quando um artista assume imagens pré-existentes em seu trabalho para reutilizá-las inalteradas em diferentes contextos ou com um objetivo diferente, alterando seu significado” (LUCIE-SMITH, 2004, p.17).

Essa postura de apropriação e ressignificação acabam por problematizar valores artísticos, questionar conceitos de originalidade e valorização do gesto de criar.

3. PROCESSO DE TRABALHO: ENTRE O MITO E A GRAVURA

Desde muito pequena via a arte como algo fascinante, gostava de entrar nos museus, observar as obras ali expostas. Lembro que na adolescência, assisti a um filme chamado *Tudo por amor*, dirigido por Guy J. Comtois e Richard L. Johnson, lançado no ano de 1991. Fiz uma cópia do filme e assistia a ele constantemente, pois o que me interessava no filme não era a história de amor, mas o fato de um dos personagens está escrevendo uma dissertação sobre arte. Foi o meu primeiro contato com a arte de Klimt, apaixonei-me pelos seus quadros e, a partir daí, decidi que de alguma forma eu iria aprender mais sobre arte.

A vida seguiu seu rumo, chegou a época de ingressar em uma universidade, e como não havia a possibilidade de sair de Feira de Santana naquele momento,

escolhi fazer o curso de Ciências Contábeis na Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS. Concluí o curso, e dois anos depois, surgiu a oportunidade de estudar na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB, onde e comecei a cursar o bacharelado em Artes Visuais e um novo mundo muito mais rico e profundo do que eu podia imaginar se abriu diante de mim. Ainda hoje as pessoas me perguntam: por que Artes? Por que uma mudança de área tão radical? Há alguma coisa que ligue os dois cursos? Costumo responder que a Gestão Cultural é um ponto de interseção entre os dois, mas a verdade é que na minha história eu sou o elo entre os dois.

Sempre fui fascinada por mitologia, costumava ler a respeito, assistir a filmes e seriados. Decorava as histórias, conhecia cada personagem, não perdia um capítulo. Nunca encarei como realidade, pois o que me chamava à atenção era o universo construído para que a história fizesse sentido com seus dons, poderes, a personalidade de cada agente em cena ou a composição.

A cena retratada poderia não corresponder à realidade, mas era interessante ver a forma que o ser humano encontrava para explicar as coisas, a criatividade envolvida, o universo fantasioso, um bem que tinha um pouco de mal, um mal que não era mal por completo, porque mesmo os acontecimentos ruins, no fim, contribuíam, de alguma forma, para a vida das personagens que faziam parte da narrativa. Criava-se todo um contexto em prol de um esclarecimento, uma forma de dizer que tudo tem o “porquê” e que nós colaboramos de forma direta ou indireta para que as coisas se concretizem, pois:

Cada mito mostra como uma realidade veio à existência, seja ela a realidade total, o Cosmos, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, uma instituição humana. Narrando como vieram à existência as coisas, o homem as explica e responde indiretamente a uma outra questão: por que elas vieram à existência? O “porquê” insere-se sempre no “como”. E isto pela simples razão de que, ao se contar como uma coisa nasceu, revela-se a irrupção do sagrado no inundo, causa última de toda existência real. (ELIADE, 1992, p. 51).

Pode-se observar no mundo que nos cerca a influência que essas histórias ainda exercem, como por exemplo, a imagem que algumas pessoas têm de Deus, como um senhor alto, de longas barbas brancas, sentado em um trono, imagem que se assemelha a que era atribuída a Zeus, o principal deus do Olimpo. A mitologia faz parte da nossa base filosófica, é discutida no âmbito acadêmico, usada como

referência para trabalhos, seus símbolos são usados até hoje, como o caduceu, que é o emblema de Hermes (Mercúrio), hoje símbolo da contabilidade.

Muitas obras de artes foram e ainda são inspiradas por mitos, mesmo em locais onde os deuses lendários não eram cultuados, observando-se elementos de suas histórias presentes na produção artística local. Entre vários artistas que se valeram da mitologia para a construção de seus trabalhos, encontro Karl Heinz Hansen para dialogar. Vale salientar que, a princípio, o olhar lançado sobre o seu trabalho não foi somente por conta da mitologia, mas por causa também da gravura.

Para realizar a composição da série de gravuras de “Aldebaran”, escolhi a versão do mito contada por Maria Zélia de Alvarenga, a qual descrevo a seguir:

Zeus amou Europa, filha de Agenor e Teléfassa. Para conquistá-la, aguardou o momento, quando a donzela brincava na praia com suas aias e amigas. Manifestou-se como touro, uma das suas hierofanias, e aproximou-se sedutoramente da virgem. Europa sentiu-se impelida a cavalgar o animal, tão dócil lhe parecia, e assim o fez. Interessante atentar para o fato: suas aias e amigas estavam todas “distraídas”, e nenhuma delas se deu conta da presença do divino Zeus. Quando questionadas, não souberam informar sobre o paradeiro da jovem – somente Europa o percebeu e foi atraída por ele.

Zeus raptou Europa e a levou mar adentro até a ilha de Creta onde viveram um grande amor, por mais de trezentos anos. Quando chegaram à ilha, o casal procurou um lugar para se deitar. Os plátanos lançaram suas folhas ao solo, formando um extenso acolchoado para receber os amantes. Zeus, agradecido por tão delicada recepção, abençoou os plátanos, concedendo-lhes o privilégio de terem suas folhas mantidas, inclusive no inverno. Ficariam amarelecidas, mas se manteriam por todo o ano. Desse casamento nasceram Minos, Radamanto e Sarpédon.

Quando Zeus precisou deixar Europa para retornar seus assuntos no Olimpo, presenteou-a com um aro de ouro para ela usar no pescoço com símbolo de fidelidade; deu-lhe também uma lança de alvo certo, um cachorro de bronze para protegê-la de qualquer ameaça mais próxima, e um gigante mecânico, de nome Talos, guardador de toda ilha, impedindo a entrada de qualquer inimigo.

Zeus, em Creta, é chamado de Zeus Tallaios, ou o deus sol. Ao partir, deixou como companheiro de Europa, para cuidá-la e ajudá-la em seus afazeres, e proteger os filhos, um personagem de nome Astérion, cujo significado é o homem que veio das estrelas. (ALVARENGA, 2007, p. 58).

A escolha do touro como agente principal dessa composição se deu, também, por conta da sua presença na história da cidade onde nasci, Feira de Santana, que surgiu a partir do comércio de gado e onde as figuras do vaqueiro e do

touro são notáveis símbolos culturais. E por essa razão me apropriei desse símbolo como um elemento importante para o desenvolvimento dessas gravuras.

Imergindo nesse universo de símbolos, mitos e gravuras, produzi uma série de linoleogravuras, compondo assim a narrativa do mito de Taurus. O primeiro passo foi a escolha do mito a ser ilustrado, seguido da escolha das gravuras de Hansen que apresentassem os elementos necessários para a composição da narrativa.

O passo seguinte foi a escolha da técnica empregada e conseqüentemente do material usado na feitura da matriz. Embora as gravuras de Hansen que serviram de referências para esse trabalho tenham sido feitas pelo processo de xilografia, optei pelo uso do neolite, material sintético mais maleável, equivalente ao linóleo.

Enquanto a madeira produz texturas únicas provenientes de seus veios, o linóleo proporciona uma composição mais linear com efeito chapado, e para se obter texturas são necessárias goivas distintas para tratar a superfície do suporte. Por conta de questões operacionais, o linóleo foi substituído por neolite, que possui características semelhantes e vem sendo amplamente utilizado na confecção de matrizes para gravuras.

Sabemos que a nomenclatura atribuída à gravura deriva do material usado para a confecção da matriz, como por exemplo, xilogravura, que tem raiz na palavra grega xilon, ou seja, madeira, ou a própria linoleogravura, que deriva do linóleo. Nesse caso, apesar da substituição do material da matriz por neolite, o nome linoleogravura se manteve. Essa opção foi feita por não haver uma nomenclatura própria, embora o material seja muito usado, mas não foi regulamentado como técnica de neolitegravura.

Como já foi citado no texto, a gravura é composta por fases, sendo que cada uma delas exige decisões por parte do artista, que podem alterar ou até mesmo mudar o resultado da obra.

Após a escolha do neolite, passou-se para a fase de produção gráfica do esboço (figuras de 8 a 13), e para tanto, primeiro foi feita uma revisão do texto do mito, selecionando os pontos chaves que serviriam de base para a confecção dos desenhos.

Para essa produção foram usadas placas de neolite com tamanho 21,0 cm x 29,7 cm, tratadas com lixas de madeira para retirar a película plástica que a cobre. Por serem placas pretas, os desenhos foram transferidos com a ajuda de estêncil

vermelho e decalcados com giz de cera branco, para em seguida gravá-los com as goivas.

O passo seguinte foi a entintagem e impressão das gravuras. A princípio seria impresso apenas o desenho em relevo, mas, ao passar a matriz pela prensa, percebi que as marcas causadas pela parte rebaixada da placa no papel possuíam uma riqueza singular e garantiam, na peça, a representação da performance do fazer da gravura. Percebe-se as direções, a pressão feita pelas mãos da artista, cada veio feito pelas goivas, criando texturas únicas, uma experiência poeticamente comentada por Gaston Bachelard

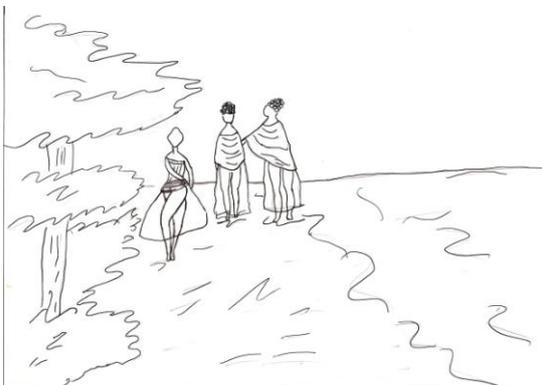
O próprio papel, com seu grão e sua fibra, provoca a mão sonhadora para uma rivalidade da delicadeza. A matéria é, assim, o primeiro adversário do poeta da mão. Possui todas as multiplicidades do mundo hostil, do mundo a dominar. O verdadeiro gravador começa sua obra num devaneio da vontade. É um trabalhador. (BACHELARD, 1986, p.52).

Os materiais usados na feitura da gravura desafiam o gravador, pedem para serem moldados, transformados, coopera com a mão do artista, gerando imagens múltiplas, fruto da criatividade do artesão.

Nessa composição as gravuras foram impressas em papel A3 branco, com 224 g com tinta offset preta, sendo posteriormente selecionadas seis gravuras que comporiam a série, para serem colocadas em molduras para fins expositivos.

Figura 8 – Estudo de composição I. 2015.

Daniela Gomes. Lápis.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 9 – Estudo de composição II. 2015.

Daniela Gomes. Lápis.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 10 – Estudo de composição III. 2015

Daniela Gomes. Lápis



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 11 - Estudo de composição IV. 2015

Daniela Gomes. Lápis.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 12 - Estudo de composição V. 2015.

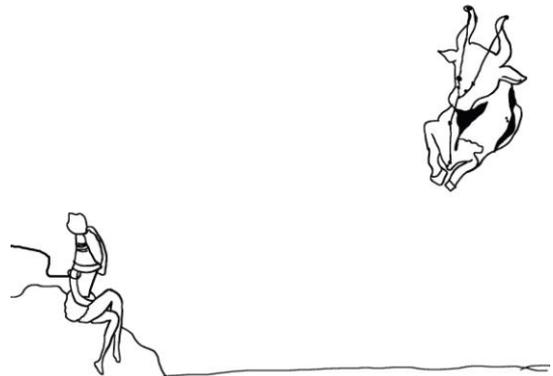
Daniela Gomes. Lápis.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 13 - Estudo de composição VI. 2015.

Daniela Gomes. Lápis.



Fonte: Arquivo pessoal.

Foram escolhidos seis pontos fundamentais na história. Primeiro: o passeio com as amigas (fig. 8); segundo: o encontro com Zeus em forma de touro (fig. 9); terceiro: a travessia do mar (fig. 10); quarto: a revelação de sua identidade enquanto deus (fig. 11); quinto: os três filhos, frutos da relação entre eles, e os presentes dados por Zeus à sua amada (fig. 12) e por fim, o sexto ponto: a formação da constelação de touro (fig. 13). Os desenhos foram digitalizados e, em seguida, foram desenvolvidas digigravuras, com o objetivo de estudar a composição, definir linhas, e contrastes. Dando um vislumbre do que se tornaria a gravura finalizada, trago essa amostra a seguir:

Figura 14 – Estudo em digigravura para a composição VII. 2015
Daniela Gomes.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 16 - Estudo em digigravura para a composição IX. 2015.
Daniela Gomes.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 18 - Estudo em digigravura para a composição XI. 2015.
Daniela Gomes.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 15 - Estudo em digigravura para a composição VIII. 2015
Daniela Gomes.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 17 – Estudo em digigravura para a composição X. 2015.
Daniela Gomes



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 19 – Estudo em digigravura para a composição XII. 2015.
Daniela Gomes.



Fonte: Arquivo pessoal.

Terminada a fase de estudo de composição, passei para a gravação na placa de neolite, resultando em uma série de seis gravuras que descrevo a seguir:

A primeira gravura tem por nome “O passeio” (fig. 20). Ela é composta por três personagens: Europa, uma amiga e uma aia. Elas foram inspiradas na gravura de Hansen Bahia, intitulada *Puxada de rede* (fig. 4), que apresenta a cena de uma pescaria, como o próprio nome sugere. A figura feminina, logo à frente da imagem

(fig. 21), segurando um peixe, foi ressignificada como Europa. A segunda figura feminina presente no recorte foi duplicada e personificou as duas companheiras de Europa durante o passeio. Na versão deste trabalho esta cena se passa na praia e ilustra a caminhada à beira mar que Europa e suas companheiras faziam, enquanto Zeus as observava do Olimpo.

Nessa gravura vemos o mar demarcado pelas linhas onduladas, a areia da praia plana, sobre a qual vemos Europa à frente, seguida por sua amiga e pela sua aia, tendo a sua direita árvores e ao fundo um céu idealizado, formado pelos veios feitos no neolite com a ajuda de goivas, compondo o cenário de um passeio agradável à beira mar.

Figura 20 – “O passeio”. 2015.
Daniela Gomes. Linoleogravura. 42 X 29,7 cm



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 21 – Detalhe de *Puxada de rede*. 1970.
Hansen Bahia. Xilogravura, 63 X 87 cm.



Fonte: www.catalogodasartes.com.br

A segunda, retrata o encontro entre Zeus, hierofanizado como um touro, e Europa num jogo de sedução e encanamento. Foi intitulada como “O encontro” (fig. 22) e possui elementos ressignificados de *Puxada de rede* (fig. 23), trazendo uma personificação de Europa, *Carro de boi* (fig. 24), para representar a manada de Agenor e *Touro bravo* (fig.25), caracterizando Zeus. Nela vemos novamente as árvores que compõem a gravura “O passeio”, assim, também como a presença do céu idealizado, marcado por seus veios artificiais, tendo entre ele e Europa parte da boiada de seu pai Agenor. Nota-se a diferença de tamanho entre o gado e o Touro, que não se dá apenas pela distância entre eles, mas também pelo fato de Zeus ter se apresentado como um touro acima dos padrões. O enquadramento se fecha de uma forma que não permite a presença de suas amigas na composição, demonstrando com isso um momento de aproximação e encantamento entre Zeus e Europa, no qual não cabia mais ninguém, e tudo mais ficava em segundo plano.

Figura 22 - "O encontro". 2015.
Daniela Gomes. Linoleogravura. 42 X 29,7 cm.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 24 – *Carro de boi*. 1960.
Hansen Bahia. Xilogravura, 18 X 82,5 cm.



Fonte: <http://www.artnet.de/>

Figura 23 – Detalhe de *Puxada de rede II*. 1970
Hansen Bahia. Xilogravura, 63 X 87 cm.



Fonte: www.catalogodasartes.com.br

Figura 25 – *Touro bravo*. 1959.
Hansen Bahia. Xilogravura, 43,5 X 21,5 cm.



Fonte: www.hansen-bahia.privat.t-online.de.

“A travessia” (fig. 26) é a terceira gravura da série. Nela vemos novamente a ressignificação de *Puxada de rede* (fig. 27) e *Touro bravo* (fig. 28), dessa vez ilustrando a viagem do casal entre Fenícia e Creta. O céu estrelado marca esse período intermediário na história dos dois personagens, e novamente vemos as linhas onduladas marcando a presença do mar, fazendo diferenciação entre ele e o firmamento. Podemos notar também a posição de Europa sobre o touro, demonstrando sua confiança nele e como ela se sentia à vontade em seu dorso, mesmo estando no meio do mar à noite.

Figura 26 – “A travessia”. 2015
Daniela Gomes. Linoleogravura. 42 X 29,7 cm.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 27 – Detalhe de *Puxada de rede III*.1970.
Hansen Bahia. Xilogravura, 63 X 87 cm.



Fonte: www.catalogodasartes.com.br

Figura 28 - *Touro bravo*. 1959.
Hansen Bahia. Xilogravura, 43,5 X 21,5 cm.



Fonte: www.hansen-bahia.privat.t-online.de.

Dando sequência à narração do mito temos “Revelações” (fig. 29), com base em *Higiene* (fig. 30), que traz uma nova personificação de Zeus e *Amigas* (fig. 31), caracterizando Europa nessa nova fase. O céu idealizado se faz presente novamente, e marca o começo da nova fase na vida de Europa, o início de sua história em Creta. Vemos Zeus em forma humana junto à sua amada. Podemos observar ao fundo o plátano que, segundo o mito, derrubou suas folhas sobre a praia, formando um acolchoado em honra aos amantes. No primeiro estudo feito acerca da composição dessa imagem havia rochas no lugar da árvore, mas dado a sua importância na história, as pedras cederam seu lugar ao Plátano e passaram a ser representadas pelas linhas sinuosas no chão.

Figura 29 – “Revelações”. 2015.
Daniela Gomes. Linoleogravura. 42 X 29,7 cm.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 30 – *Detalhe de Higiene*. 1968.
Hansen Bahia. Xilogravura, 40 X 25 cm



Fonte: www.catalogodasartes.com.br

Figura 31 – *Detalhe de Amigas I*. 1970.
Hansen Bahia. Xilogravura, 87,5 X 57 cm.



Fonte: www.catalogodasartes.com.br

Foram 300 anos de um relacionamento que gerou três filhos, e na iminência da separação, Zeus deu à Europa três presentes para a proteção dela, da sua prole e da ilha. Isso se encontra encenado em “Os presentes” (fig. 32), que traz a ressignificação de três xilogravuras de Hansen: *Sem título* (fig. 33), representando Laelaps, *O vaqueiro e o boi* (fig. 34), onde o vaqueiro da composição de Hansen foi transmutado em Talos, que segura no lugar do laço a Jabalina, e *Puxada de rede* (fig. 35), focada no recorte representativo dos três filhos do casal, Radamanto, Minos e Sarpédon. Nessa gravura as pedras se fazem presentes, podemos ver os filhos do casal sentados sobre elas, numa posição mais elevada. Ligeiramente abaixo

observamos os presentes dados por Zeus, nota-se que a figura do cachorro que faz parte do mito foi substituída pelo tigre, e isso se deve a dois aspectos: sua ferocidade e sua capacidade de inferir apenas com a sua presença, sendo por isso um substituto à altura. Enquanto os filhos observam o céu distraidamente, Talos, em posse da Jabalina, e Laelaps montam guarda, de forma que possam observar os ângulos necessários para garantir a segurança de seus protegidos. A proximidade de Talos com as pedras faz alusão à sua principal tática para impedir a invasão às terras de Creta, que era jogar pedras nas embarcações para afundá-las antes que chegassem a costa.

Figura 32 – “Os presentes”. 2015.
Daniela Gomes. Linoleogravura. 42 X 29,7 cm



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 33 – *Sem título*. 1960.
Hansen Bahia. Xilogravura, 18 X 82,5 cm.



Fonte: <http://www.grafikliebhaber.de>

Figura 34 – Detalhe de *O vaqueiro e o boi*. 1959.
Hansen Bahia. Xilogravura, 53,5 X 90 cm.



Fonte: <http://sites.uefs.br/portal/sites/cuca>

Figura 35 – Detalhe de *Puxada de rede IV*. 1970.
Hansen Bahia. Xilogravura, 63 X 87 cm.

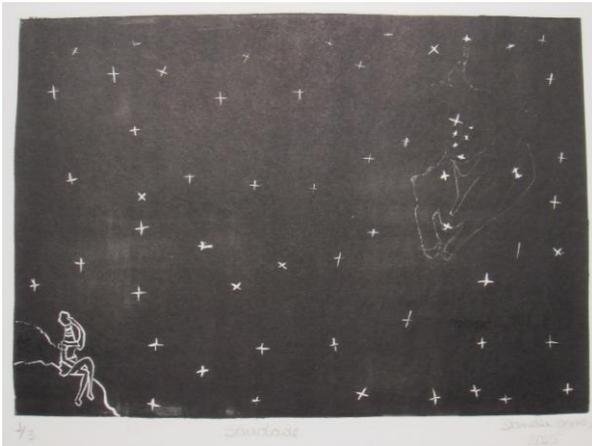


Fonte: www.catalogodasartes.com.br

Por último, temos a gravura “Saudade” (fig. 36), onde encontramos retratada a constelação de Touro, com seus aglomerados: Híades, Plêiades e Aldebaran. Vê-se também uma Europa, resignificada de *Amigas* (fig.37), sentada em uma rocha, admirando as estrelas, com um aro de ouro no pescoço, símbolo de sua fidelidade a Zeus. O céu estrelado aparece novamente, para compor o fim de mais uma fase na

vida de Europa, retratando o momento escuro da saudade, ainda que iluminada pelas estrelas das lembranças deixadas pelo seu relacionamento de 300 anos que chegou ao fim. Mesmo com a presença da constelação, símbolo do seu amor, a distância ainda a castigava, carregada de nostalgia.

Figura 36 – “Saudade”. 2015.
Daniela Gomes. Linoleogravura. 42 X 29,7 cm.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 37 – Detalhe de *Amigas II*. 1970.
Hansen Bahia. Xilogravura, 87,5 X 57 cm.



Fonte: www.catalogodasartes.com.br

Figura 38 – Série Aldebaran. 2015.
Daniela Gomes.



Fonte: Arquivo pessoal.

4. CONCLUSÃO

Neste trabalho abordei os seguintes assuntos: mitologia, gravura e o universo criativo de Hansen Bahia. Conclui com isso, que esses temas coexistem de forma harmoniosa e a sua fusão favorece a criação artística, proporcionando a possibilidade de obras que levam o homem a um lugar compartilhado por gerações, o ambiente simbólico.

Os autores que fundamentaram meu trabalho contribuíram para o meu aprofundamento sobre a temática, proporcionaram um olhar mais crítico, descortinaram e proveram informações necessárias para o entendimento de tais questões, favoreceram o estabelecimento da relação entre o mito e a gravura e demonstraram como ambos exercem um importante papel na história da humanidade, sendo estes, veículos de exteriorização das impressões humanas.

Uma das experiências vividas nesse ínterim foi na exposição realizada no período de 15 a 22 de março de 2015, no Espaço Cultural Hansen Bahia, na cidade de Cachoeira, sob o nome “Iminências”. Tratou-se de uma exposição coletiva onde os trabalhos dos possíveis concluintes do curso de Artes Visuais puderam ser expostos ao público em geral. Na referida exposição encontrava-se trabalhos de instalações, videoinstalações, videoperformance, escultura, desenho, pintura e gravura, em que se pôde notar uma boa receptividade por parte da população local e do corpo docente e discente da UFRB.

Expor é sempre um misto de emoções. Por um lado, o orgulho de ver seu trabalho concluído, sendo apreciado por outras pessoas. Por outro, a apreensão que envolve qualquer estreia. No momento em que se expõe um trabalho, ele deixa de compor apenas a sua história e passa a fazer parte da linha de tempo de outras pessoas e é visto sob outra perspectiva, sujeito a críticas.

No primeiro dia de exposição eu pude acompanhar a reação de algumas pessoas ao meu trabalho. Uns chegaram sozinhos, outros em grupo, um pequeno número olhava a narrativa de trás para frente, começavam por “Saudade” e terminavam em “O Passeio”. Notei que isso acontecia por conta da trajetória que eles faziam da obra exposta logo à frente até a minha. Alguns ficavam parados, escolhendo quais daquelas imagens queriam levar para casa, e esboçavam isso em voz audível. Percebi que uma ou outra pessoa olhava para imagem e, diante das texturas encontradas nelas, afirmava ser uma xilogravura.

O artista plástico Luiz Ramos, que esteve presente na exposição como espectador, encantou-se com a narrativa, teceu elogios sobre a forma como ela foi estruturada, sobre as texturas encontradas nas imagens, sobre a composição feita.

É recompensador observar algo que foi feito pelas minhas mãos chegar ao outro de uma forma tão agradável. Este trabalho promoveu uma conexão entre mim e pessoas que talvez eu nunca mais veja, nem converse, nem mantenha qualquer tipo de contato, mas que viram, analisaram e apreciaram essa parte de mim exposta naquele trabalho.

O TCC aqui apresentado foi muito importante para o meu desenvolvimento como gravurista, e me proporcionou uma maior imersão nessa ambiência artística, aprofundou o meu conhecimento sobre Hansen, símbolos e mitos.

Este trabalho é pertinente em termos acadêmicos e artísticos, uma vez que valoriza e difunde a linguagem da gravura e procura propalar o universo mitológico, tendo como um dos elementos principais a pesquisa sobre a obra e a vida de Hansen Bahia, artista gravador que potencializa essa dissertação, devido a sua importância na história da gravura.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Maria Zélia et al. **Mitologia Simbólica: Estruturas da Psique e Regências Míticas**. 1º edição. São Paulo: Casa Psi Livraria, Editora e Gráfica Ltda, 2007.

ANDRIOLE, Mauro. **Gravura: Conceito, História e Técnicas**. Disponível em: http://www.casadacultura.org/arte/Artigos_o_que_e_arte_definicoes/gr01/gravura_conceito_hist.html. Acesso: 25/01/15.

Artevalue.com. Art, Luxe & Colletion. Disponível em: <http://www.artvalue.com/auctionresult--hansen-bahia-karl-heinz-1915-1-gro-es-ochsengespann-1562830.htm> . Acesso em 01/02/15.

BACHELARD, Gaston. **O Direito de Sonhar**. Tradução de José Américo Motta Pessanha; et al. 2ª Ed. São Paulo: Difel, 1986. 202 p.

BOCHICCHIO, Regina. **Coleção Gente da Bahia: Hansen Bahia**. 1º edição. Salvador: Edições Alba, 2012.

BULFINCH, Thomas. **O Livro de Ouro da Mitologia**. 26º edição. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S/A, 2002.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. 1º edição. São Paulo: Palas Athena, 1990.

Catálogo das Artes. Disponível em: http://www.catalogodasartes.com.br/Lista_Obras_Biografia_Artista.asp?idArtista=1318. Acesso 23/09/14.

COSTA, Fernando. **A Constelação de Touro**. Disponível em: <http://www.observatorio.ufmg.br/dicas10.htm>. Acesso: 15/08/14.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **L'Empreinte**. Catálogo de Exposição – Centre Georges Pompidou. Paris, 1997.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. 1º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FISHERMAN, Julio. **Touro Indomável**. Disponível em:

<https://cardealnordeste.wordpress.com/tag/hansen-bahia/>. Acesso 15/08/14.

Gravura Brasileira. Disponível em:

<http://artepadilla.com.br/gravurabrasileira/por/obras7.html>. Acesso: 15/08/14.

GRILLO, Rubem. **A Presença da Gravura**. Revista Cultura Visual. Revista do curso de pós-graduação da Escola de Belas Artes. UFBA. V2 nº 1. Salvador: Edufba, 2000.

JOHSON, Vanessa. **Olhar Inventariante**. Disponível em:

<http://olharinventariante.blogspot.com.br/2009/10/karl-heinz-hansen-19-4-1915-78.html>. Acesso 23/09/14.

JUNG, Carl G. et al. **O Homem e Seus Símbolos**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987.

LEXIKON, Herder. **Dicionário de Símbolos**. 15ª edição. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix Ltda, 2013.

Localização do Acervo de Hansen Bahia e outros. Reserva técnica da Casa dos Hansen. São Félix: Ed. Mundo Arte e Eventos, 2008.

LUCIE-SMITH, Edward. **Dictionary of Art Terms**. *London*: Thames and Hudson, 2004.

MEGGS, B. Philip; PURVIS, W. Alston. **História do Design Gráfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

O Touro de Ápis. Disponível em: <http://www.fascinioegito.sh06.com/boiapis.htm>. Acesso: 01/03/2015.

PÊPE, Suzane Pinho. **Dicionário Manuel Querino de Arte na Bahia**. Disponível em: <http://www.dicionario.belasartes.ufba.br/wp/verbete/karl-heinz-hansen-hansen-bahia/>. Acesso em 25/01/15.

PORTELA, Antonio Carlos; MIDDLEJ, Dilson Rodrigues. **A Arte da Gravura no Brasil**. Cachoeira: Gráfica Contraste, 2014. 500 v.

Príncipe da Soledade. Cristianismo e Mitraísmo na Antiga Roma. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/ensaios/956885>. Acesso em: 01/03/2015.

RAMOS, Jorginho. **Fundação Hansen Reinaugura Sede em Cachoeira.** Disponível em: <http://vapordecachoeira.blogspot.com.br/2010/12/fundacao-hansen-bahia-reinaugura-sede.html>. Acesso: 04/11/14.

SAMPAIO, João Paulo. **A Mitologia e os Signos – Touro.** Disponível em:

<http://professorjoaopaulo.com/mitologia/a-mitologia-e-os-signos-touro/>. Acesso em 08/02/14.

SERRA, Ramón. **A Gravura.** *In: O universo da gravura.* 1ª edição. Lisboa, Editorial Estampa, Lda, 2003.

TERRA, Fernanda. **Mestres da Gravura.** Coleção da Fundação BIBLIOTECA NACIONAL. Rio de Janeiro, Centro Cultural Correios, 2011. COSTELLA, Antonio F. *Introdução à gravura e à sua história.* 1ª edição, São Paulo: Editora Mantiqueira de Ciências e Arte Ltda, 2006.

TERUYA, Teresa Kazuko et al. **As Contribuições de John Locke no Pensamento Educacional Contemporâneo.** Disponível em:

http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada9/_files/BDxADftT.pdf. Acesso: 22/11/2014.

TRINDADE-SERRA, Ordep J.. **O Touro no Mediterrâneo: Reflexões Sobre Simbolismo e Ritual.** Revista USP. São Paulo, n. 18, 1993. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26015>. Acesso: 01/03/2015.

Xamanismo – Animais e Religiões. Disponível em:

<http://www.xamanismo.com.br/Universo/SubUniverso1187815981lt008>. Acesso em: 01/03/2015.